

YUAN MEI

袁梅

BREVES CONTOS

MACABROS



FREE BOOKS

YUAN MEI
袁梅

BREVES CONTOS
MACABROS

Tradução de Paulo Soriano



Free Books

免费图书

2024

CRÉDITOS

Título: Breves Contos Macabros.

Autor: Yuan Mei (1716 - 1797).

Tradução (indireta): Paulo Soriano.

Editora: Free Books Editora Virtual.

Ano de Publicação: 2024.

Local da publicação: Salvador/BA.

© da tradução: Paulo Soriano, 2024.

SUMÁRIO

CRÉDITOS	3
O FANTASMA QUE SE ENFORCAVA	5
A MORTA MALÉFICA	8
O MONSTRO DE PELOS VERDES	10
O ESPÍRITO DE ESPADA.....	13
O MORTO-VIVO GANANCIOSO	17
UM TAPA NA FACE DO MORTO-VIVO .	22
O FANTASMA ENFERMO	24
OS FANTASMAS QUE CAPTURAM ALMAS	26
CONTROLE FANTASMAGÓRICO	31
O SOPRO DO ESQUELETO	33

O FANTASMA QUE SE ENFORCAVA

Havia, para além do portão norte da muralha que circundava a cidade de Hangzhou, uma casa com fama de mal-assombrada. Como ninguém se atrevia a habitá-la, a vivenda permanecia desocupada e fortemente trancada.

Certo dia, um erudito chamado Cai expressou o desejo de adquiri-la. Os moradores locais tentaram dissuadi-lo, dizendo-lhe que o sábio arriscaria a vida se ousasse morar naquele lugar. Mas Cai não lhes deu atenção e fez a compra, assinando todos os documentos necessários. Tendo a sua família se recusado a fixar residência naquele lugar assombrado, Cai mudou-se sozinho.

Em sua primeira noite na casa, Cai sentou-se, em vigília, em seu quarto, com uma

vela na mão. À meia-noite, uma mulher, com uma faixa vermelha pendurada ao pescoço, penetrou silenciosamente naquele ambiente.

A dama fez uma reverência e os dois trocaram cumprimentos. A mulher, então, amarrou uma corda na viga do telhado e puxou o laço sobre o pescoço. Cai permaneceu imperturbável. Em seguida, a dama enlaçou outra corda e acenou para Cai, convidando-o se juntar-se a ela no intento macabro. Cai aceitou o convite. Passou, contudo, o laço num dos pés.

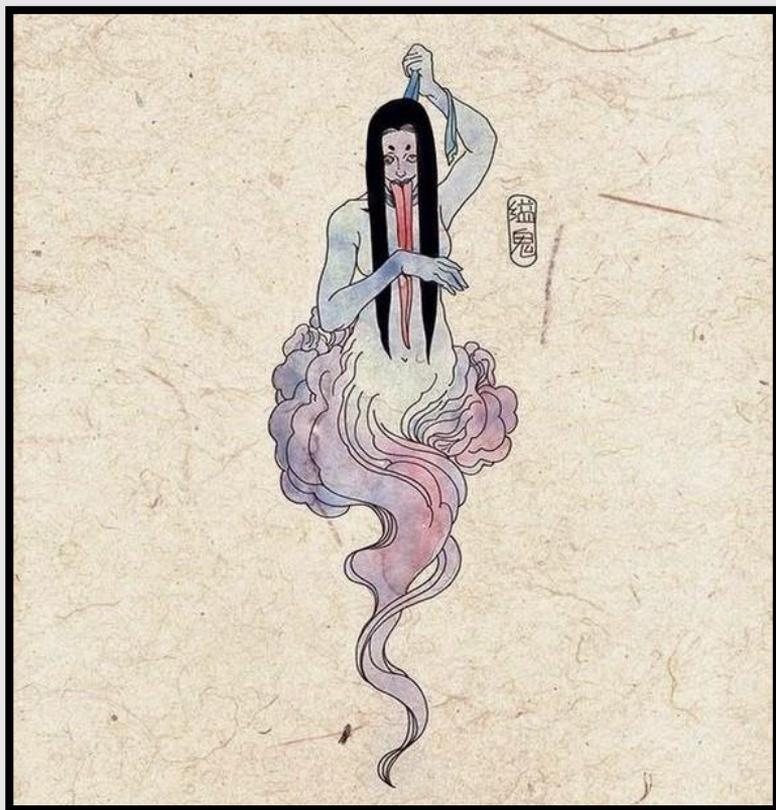
— Meu caro senhor, o laço está no lugar errado — disse-lhe a mulher.

Cai riu, dizendo-lhe.

— Com toda certeza, não sou eu que está errado. Foi você que cometeu o erro e, por isto, acabou onde agora está.

Ouvindo isto, o fantasma, chorando, caiu de joelhos e, depois de se curvar para Cai várias vezes, desapareceu.

A partir de então, a casa livrou-se das ocorrências sobrenaturais. Cai, além disso, foi bem-sucedido em seus exames. Alguns dizem que ele, Cai Binghou, poderá ser o magistrado local.



A MORTA MALÉFICA

Quando Tang Ada, do condado de Yin, chegou em Pequim, o seu irmão não o tratou com amabilidade.

Perguntado sob o motivo daquela recepção, Ada contou o seguinte incidente.

Há vinte anos, velava ele o cadáver da filha de um vizinho. O seu irmão, companheiro na fúnebre tarefa, havia descido para trazer o chá.

Ada contemplou o cadáver por longo tempo. De súbito, o belo corpo da jovem, cheio de maléficas intenções, se ergueu, deambulou pelo quarto e correu em sua direção.

Quando o irmão, que retornava à sala, subiu as escadas, e se deparou com o cadáver no encalço de Ada, ficou pasmo de pavor e trancou a porta.

Tentando escapar ao cadáver, Ada correu à porta, mas esta já estava cerrada.

Então, pulou pela janela. O cadáver tentou acompanhá-lo, mas não conseguiu. Caído sobre as telhas, Ada desmaiou.

Enquanto Ada, desfalecido, jazia sobre o telhado, a defunta permanecia parada à janela do andar superior.

Na manhã seguinte, a família subiu as escadas para ver a defunta, que continuava imóvel. Os familiares trouxeram uma peneira de arroz para baixar o cadáver e sepultá-lo.

Três dias depois, quando retornava da feira, Ada viu a jovem defunta, em pleno dia, e a admoestou por sua perversidade.

Ada entrou na cidade, e, de lá, rumou à capital, mas, até hoje, não se atreve a retornar ao local do incidente.

O MONSTRO DE PELOS VERDES

Havia, no Condado de Ruicheng, província de Shanxi, um templo. Sobre ele, teciam-se rumores de que, em seu interior, existiam entes monstruosos. Por isto, os monges que ofertavam incenso não se atreviam a habitá-lo.

Certo dia, um mercador de Shaanxi vendeu uma miríade de ovelhas. Ao entardecer, e não tendo onde descansar, procurou abrigo no templo.

Lá estando, ouviu um barulho sob o trono dedicado a uma divindade.

Dali, algo saltou.

O mercador de ovelhas olhou para a manifestação à luz da vela. Era um ser monstruoso, que tinha sete ou oito pés de comprimento, e cuja face cobria-se com uma

máscara de feições humana. Viam-se, na aparição, dois olhos escuros e brilhantes, do tamanho de uma noz. Tinha ela, do pescoço para baixo, o corpo coberto de cabelos verdes, desgrenhados como um velho casaco felpudo.

Farejando e olhando de soslaio para o mercador, com garras afiadas em ambas as mãos, a coisa avançou para agarrá-lo.

Apavorado, o homem desatou em carreira, fugindo do templo, mas o monstro avançou, a persegui-lo...

Quando se olhava para o trono destinado àquela divindade, não se percebia qualquer anomalia. Mas, num canto da pedra, havia uma fresta por onde emanavam negros bafios. E, sob o trono, havia um fosso de três metros de profundidade; jazia, em seu interior, um caixão apodrecido. No féretro, repousava um cadáver, vestido com trajes em ruínas; brotavam cabelos esverdeados de seu corpo, conforme vistos pelo mercador de ovelhas.

Aquele corpo foi, contudo, incinerado. Enquanto ardia, ouvia-se o crepitar de sangue e o estalar de ossos. A partir de então, não mais ocorreram no templo aquelas manifestações sobrenaturais.



O ESPÍRITO DE ESPADA

No início desta dinastia, quando Yao Duanke, de Tongcheng, era o ministro da Justiça, um cidadão de Shanxi foi condenado por homicídio. Este homem subornou Wenyan, irmão de Yao, com dez mil taéis de prata para defender a sua causa junto ao ministro.

Wenyan concordou em ajudá-lo, mas, ciente da retidão de Duanke, não ousou intervir em nome do condenado, já que esperava, simplesmente, que o caso fosse tratado com indulgência, circunstância que lhe seria suficiente à percepção do suborno.

Certa noite, Yao Duanke folheava alguns registros à luz da lamparina. De repente, um estranho saltou da viga, empunhando uma espada. Yao perguntou se ele era um assassino e por que motivo estava ali. O

intruso respondeu que lá estava em nome do homem de Shanxi.

Yao disse:

— De acordo com a lei, esse criminoso não merece clemência. Se eu o tratasse com tolerância, as leis do país seriam gravemente violadas e eu não teria a hombridade de envergar o cargo de ministro de um tribunal. Eu prefiro a morte à submissão.

Então, tendo apontado para o próprio pescoço, disse:

— Vá em frente. Tire minha vida.

— Se você não consegue tratar o homem com tolerância — disse o homem —, por que seu irmão aceitou o dinheiro do criminoso?

Yao disse que não sabia nada sobre isso.

— Assim pensei — disse o homem.

O estranho, então, deu um salto e saiu correndo da sala. Yao conseguiu ouvir

somente uns sons ecoando do ladrilho, como se o vento estivesse a varrer as folhas lá fora.

Naquela época, Wenyan havia deixado a capital para investir-se no cargo de magistrado local de um determinado condado. Às pressas, Yao enviou um mensageiro para relatar os estranhos acontecimentos ao irmão. Todavia, quando o mensageiro alcançou a comitiva oficial em Dezhou, descobriu que Wenyan havia morrido em sua carruagem. Os servos de Wenyan explicaram:

— Depois do desjejum pousada, o nosso amo subiu na carruagem. Vencemos, então, diversas milhas. De súbito, ouvimo-lo gritar da carruagem: ‘Que vento frio!’. Rapidamente, para aquecê-lo, reunimos algumas roupas acolchoadas de algodão e fomos até a sua carruagem. No entanto, quando olhamos para o interior do coche, vimos que faltava a cabeça ao nosso amo. De

onde ela deveria estar, havia apenas um esguicho sanguinolento.

Duanke assim redigiu um dístico no pavilhão Baiyun no Ministério da Justiça: “Muitas vezes sinto que meu coração está cheio de vigor, pois sei que há muitas pessoas miseráveis no mundo que precisam de ajuda”.



O MORTO-VIVO GANANCIOSO

Em Shaoxin, na província de Zhejiāng, um erudito chamado Wang recebia, então, por suas realizações literárias, arroz do governo por um ano. Foi, quando uma família rica de uma vila o contratou como professor.

A casa dos senhores era pequena demais para acomodá-lo, mas, felizmente, havia uma casa nova a cerca de uma milha de distância, à qual os proprietários procuravam um comprador. A família adquiriu a residência e nela instalou professor.

Depois de inspecionar o interior da vivenda, Wang retornou ao portão. Lá, começou a andar para cima e para baixo e a encostar-se na portada. A essa altura, a noite já havia caído e, sob o intenso luar, ele vislumbrou, na colina, um brilhante clarão.

O professor correu em direção à claridade súbita e percebeu que a luminosidade irradiava de um esquite de madeira sem pintura.

—Se fosse um fátuo-fátuo — disse Wang a si mesmo —, o clarão seria branco, com chamas levemente tingidas de vermelho; será isso, por acaso, a manifestação do espírito do ouro ou da prata?

Rememorou, então, que na “Bagagem do Conhecimento” havia o registro segundo o qual hordas de turcos e hunos, em trajes de luto, carregaram caixões em carros e os enterraram fora da cidade, e que seus perseguidores, ao rastrearem aqueles féretros, encontravam-no repletos de metal amarelo e branco. Esse ataúde não seria algo semelhante? Que sorte que ninguém, além dele, lá estivesse para se apropriar daquele achado!

Tomando uma pedra, o professor martelou os pregos do caixão e forçou a tampa na cabeceira. Mas quão imenso foi o seu horror quando, tendo aberto o ataúde, viu, em seu interior, um cadáver com o rosto lívido e o ventre intumescido!

O corpo usava um chapéu de cânhamo e sandálias de palha, já que era costume, na região de Yue, enterrar, com tais indumentárias, os pais que sobreviveram aos filhos.

Wang recuou aterrorizado. Cada movimento de recuo, todavia, estimulava o cadáver a se erguer mais um pouco. E quando o mestre deu mais alguns passos para trás, o cadáver, de súbito, levantou-se. Wang fugiu como um louco, imprimindo na fuga a maior velocidade possível, tendo o cadáver em seus calcanhares.

Wang atravessou a porta e subiu ao sótão da casa. Depois, fechou a porta e trancou-a.

Agora, pela primeira vez, ele poderia respirar um pouquinho.

Supondo que o cadáver tivesse desaparecido, o professor abriu a janela para dar uma espiada. Naquele instante, contudo, o morto-vivo ergueu a cabeça e, esboçando um gesto de alegria, entrou correndo no jardim casa. Repetidamente bateu à porta, mas, vendo que não lhe era possível entrar, de repente deu vazão a um alto e lastimoso grito.

Ao terceiro uivo, a porta se abriu, como se impelida por uma mão invisível. O defunto subiu as escadas até o sótão, e Wang não teve outra alternativa senão a de empunhar um porrete e enfrentar aquele morto-vivo.

Assim que o defunto chegou ao patamar, a clava caiu-lhe sobre o ombro, espalhando pelo chão vários lingotes de papel prateado usado em funerais, dantes nele pendurados. O cadáver abaixou-se para pegá-los. Wang aproveitou a oportunidade e empurrou-o com

toda a força, fazendo-o rolar do topo da escada.

Justamente nesse momento, o professor ouviu o galo cantar, e, a partir de então, o cadáver permaneceu imóvel e silencioso. Ao examiná-lo à luz do dia, encontrou-o caído no chão, com a coxa ferida pela queda sofrida.

O mestre convocou os vizinhos. Enquanto estes carregavam o cadáver, a fim de incinerá-lo, o professor soltou um suspiro, dizendo:

—Foi minha cobiça que exumou o cadáver, e é a cobiça do cadáver que, agora, faz com que ele seja destruído por fogo. Ora, se os demônios não devem ser cobiçosos, por melhor motivo os homens não se devem render-se à ambição!

UM TAPA NA FACE DO MORTO-VIVO

Um homem chamado Qian, de Tongcheng, vivia nos arredores de Yifengmen.

Certa noite, quando pretendia voltar para casa, às duas da madrugada, os seus companheiros aconselharam-no a partir somente quando amanhecesse.

Qian, porém, recusou-se a fazê-lo. Assim, montou no seu cavalo, com uma lanterna, e viajou em pleno estupor da embriaguez.

Quando chegou a Sojiawan, onde havia um cemitério mui povoado de túmulos, Qian viu uma entidade a saltar do matagal, com os cabelos desgrenhados, os pés descalços e as faces lívidas.

O cavalo, muito assustado, estacou; a lanterna adquiriu um tom esverdeado.

Qian Yi estava bêbedo e, portanto, cheio de coragem. Por isso, deu uma bofetada na cara da aparição, cuja cabeça rodopiou. Mas, depois de um tempo, a coisa voltou a si. Então, a aparição avançou para o seu agressor, como se fosse um fantoche impelido pelo vento sombrio. Felizmente, tendo alguém dele se aproximado pela retaguarda, o morto-vivo recuou, recolheu-se no bosque do cemitério e esvaneceu.

No dia seguinte, a mão de Qian estava escura como tinta. Três ou quatro anos depois, aquela escuridão começou a diminuir. Inquiridos, os nativos disseram: "Ele estava em vias de tornar-se um morto-vivo, mas a transformação não se materializou".

O FANTASMA ENFERMO

Jiang Xiujun, uma excelente médico, viva num antigo templo no Leste de Guangdong.

O templo estava vazio, mas o médico tinha suficiente coragem para ler um livro diante de um caixão de defunto.

À noite, as luzes fizeram-se subitamente verdes e, inesperadamente, o caixão foi ao chão.

Então, um homem de vestes vermelhas saiu do ataúde e, pondo-se à frente de Jiang, disse-lhe:

— O senhor é um renomado médico. Assim, atrevo-me a perguntar-lhe se os abcessos pulmonares são passíveis de cura.

— São passíveis, sim — respondeu o doutor.

— Qual é o medicamento adequado ao tratamento? — perguntou o defunto.

— É o rizoma *Atractylodes*.¹

O homem de vestes vermelhas gritou:

— Então, morri de graça.

Mergulhando a mão no peito, o defunto sondou o pulmão, que era do tamanho de um balde, e que gotejava sangue e pus.

Chocado, o médico bateu-lhe com um leque.

Quando os criados vieram, o fantasma desapareceu e o caixão permaneceu como estivera antes.

¹ Bai zhu, em chinês.

OS FANTASMAS QUE CAPTURAM ALMAS

Um homem chamado Yu gostava de caçar grilos.

Todas as noites, no outono, saía pelo portão de Feng, levando consigo alguns frascos, em busca de grilos, e só regressava quase ao anoitecer.

Um dia, atrasou-se no regresso e viu que o portão da cidade já estava trancado. Consternado, e sem ter como voltar, Yu andava de um lado para o outro à beira da estrada. Foi quando reparou que dois homens, vestidos de preto, à distância, se aproximavam, com os sapatos batendo fortemente na estrada a cada passo.

— A nossa casa não é longe daqui — disseram-lhe. — Por que não vens passar a noite conosco?

Yu acompanhou-os de bom grado.

Quando chegaram à casa, pertencente a um escriturário, as folhas da porta estavam abertas. Havia, lá dentro, alguns livros velhos, um vaso de porcelana e um incensário de cobre.

Yu segurava a sua dúzia de frascos de grilos, sentindo-se esfomeado. Então, sentou-se ao lado de um candeeiro. Naquele ínterim, os dois homens de preto entraram com comida e vinho. Comeram todos juntos, sentados frente a frente.

De súbito, Yu ouviu os gemidos abafados, como se de alguma pessoa enferma, seguidos de uma agitação. Quando perguntou o que se passava, os homens disseram:

—Um dos vizinhos está em estado terminal.

A quinta vigília da noite aproximava-se.

— É hora de trabalhar — sussurrou um dos homens ao outro.

Um deles retirou um documento da bota e disse a Yu:

— Por favor, expire sobre o papel.

Yu limitou-se a sorrir e a obedecer.

Tendo feito isto, os homens pareceram tomados por uma súbita emoção e, esticando as pernas, prontamente subiram ao telhado, pondo-se a dançar. Seus pés, semelhantes aos de galinhas, tinham agora mais de três metros de comprimento.

Yu ficou aterrorizado. Estava prestes a pedir uma explicação, quando os dois homens desapareceram. Naquele instante, ouviram-se súbitos e estrondosos gritos vindos de fora da sala.

Foi então que Yu entendeu que aqueles a quem acabara de conhecer não eram seres

humanos, mas fantasmas que capturavam almas.

Ao amanhecer, Yu abriu a porta para sair. No entanto, esta estava firmemente trancada pelo lado de fora.

Incapaz de sair, Yu pôs-se a chamar, aos gritos, pela família cujo ente querido havia falecido na noite anterior. Surpresos, os membros da família destrancaram a porta, mas tomaram Yu por um ladrão e, por isso, se dispuseram a atacá-lo.

Mas Yu contou-lhes o que tinha acontecido, apontando para os frascos de grilo, e dizendo-lhes:

—Será que um ladrão roubaria alguma coisa enquanto carregava consigo objetos tão pesados?

Um dos membros da família reconheceu Yu, que, então, foi libertado. Os pratos e travessas utilizados no jantar da noite anterior pertenciam todos àquela família. Mas era um

mistério como aqueles objetos haviam chegado à sala, e nem Yu sabia como havia adentrado aquele ambiente, já que estivera sempre trancado por fora.



CONTROLE FANTASMAGÓRICO

Diz-se que, no final da vida de um assassino, fantasmas malignos assomam para controlá-lo, submetendo-o ao seu poder.

Uma certa esposa da família Tang, de Yangzhou, era uma pessoa feroz e ciumenta. Muitas das suas servas e concubinas de seu marido foram mortas por suas próprias mãos.

Ao tempo de sua morte, estava gravemente doente, mas, ainda assim, murmurava maldições, como sempre o fizera.

Xu Yaun, seu vizinho, esteve ao seu lado. Era ele um homem extraordinariamente forte.

Logo no primeiro dia, Xu sentiu-se muito fraco. Embora dormisse, rosnavava, gritava e xingava, como se estivesse a brigar com alguém. Só acordou ao final do terceiro dia.

Indagado pelas pessoas, que queriam saber o motivo de tal inquietude, ele respondeu:

— Fui convocado por um grupo de fantasmas, que haviam sido enviados por Yama, para auxiliá-los na captura da esposa de Tang. Tal se deu porque ela era extremamente forte, e os fantasmas não podiam controlá-la. Os espíritos, para subjugá-la, recorreram à minha força. Lutei com ela durante três dias, mas somente ontem consegui prendê-la. Ao final, puxei seus pés para baixo e os amarrei; depois, antes de acordar, eu a entreguei ao grupo de fantasmas.

Ele olhou para a esposa de Tang e, vendo-a morta, notou que ela tinha um hematoma no pé esquerdo.

O SOPRO DO ESQUELETO

Min Maojia, de Hangzhou, gostava de xadrez. O seu mestre, de sobrenome Sun, costumava jogar com ele.

Em junho do quinto ano do reinado de Yongzheng, o verão foi extremamente quente. Min e cinco de seus amigos reuniram-se para jogar xadrez.

Depois que Sun Yi terminou uma partida, disse:

— Estou cansado. Vou à câmara leste dormir um pouco. Depois, voltarei para a batalha decisiva.

Pouco tempo depois, escutou-se uma gritaria vindo da câmara. Min e os seus companheiros acorreram e viram o mestre Sun caído no chão, salivando.

Os amigos do mestre lhe serviram um suco de gengibre. Depois, escutaram o seguinte esclarecimento:

— Deitado na cama, eu ainda não havia adormecido, quando senti um frio nas costas. A princípio, a frieza, situada numa área do tamanho de uma noz, gradualmente estendeu-se, tornando-se tão grande quanto uma fria placa de cascalho. Depois, a frialdade penetrou nos meus ossos, chegando-me ao coração. Eu não sabia a origem daquele assalto friorento. Então, ouvi um murmúrio debaixo da cama. Olhando por debaixo dela, vi um esqueleto abrindo a boca e soprando na direção em que eu estivera. Chocado, despenquei no chão ouvi o crânio do esqueleto chocalhar com a minha queda. Foi quando eu ouvi alguém chegando. Então, finalmente me recompus.

Os quatro amigos pediram para desenterrar o esqueleto. Mas a família de Min temia um desastre e não se atreveu a cavar.



免费图书

Free Books

<http://www.freebookseditora.com/>

Na composição deste livro, empregaram-se as fontes Palatino
Lynotype e Brush Script MT, Medieval Daze e AgsanalUPC.
